



A Crise no feminino

Há uns tempos, não muito longínquos, que a palavra crise passou a fazer parte do vocabulário corrente. Para muitas de nós que fazemos a gestão orçamental/familiar ela esteve sempre presente. Por mais que afirmem que a crise se instalou por todos nós vivermos acima das nossas possibilidades, não me convencem. Mexo e remexo nas gavetinhas onde arrumo as minhas memórias e sempre me recordo de ter vivido com dificuldades.

Será que a crise afeta de igual modo os homens e as mulheres?

Tendo em conta as estatísticas, a crise sente-se e sofre-se mais no feminino. São as mulheres, salvo raras exceções, as primeiras a serem dispensadas nos locais de trabalhos e as últimas a serem admitidas numa empresa. Quando se pensa em reestruturação as mulheres são as primeiras a engrossar a fila dos dispensáveis. E, por estranho que nos pareça, é usual numa entrevista perguntarem à candidata ao lugar se pensa ter filhos. Muitas empresas querem que deixe garantido que não engravida num período de 3 a 5 anos. Cada vez mais as jovens mulheres adiam a maternidade, ora para se qualificarem, ora para manterem o emprego, o que, obviamente, nos levará a um futuro sem jovens.

Esta sociedade cada vez mais de velhos é uma sociedade contranatura por não cuidar da autoconservação??. O natural seria a mulher não ser preterida num emprego por querer vir a ser mãe, pois o que devia estar em causa era o seu profissionalismo, as suas competências. Do mesmo modo, também não devia ser natural uma mulher ser preterida por ter mais de 40, tendo em conta que, nesta altura da vida, de uma maneira geral, até tem mais disponibilidade para se dedicar à empresa.

Sabemos que, na Administração Pública, as coisas têm melhorado, no entanto, ainda há muito a fazer.

Embora a discriminação não seja direta, ela sente-se de forma indireta, porque os lugares de nomeação, especialmente os mais bem pagos são entregues, maioritariamente, ao sexo masculino. Se a sociedade é

composta, maioritariamente, por mulheres, se estas são as mais qualificadas, as que detêm mais mestrados e doutoramentos, por que será que têm tanta dificuldade em conseguir um emprego?

A crise no feminino não se sente apenas nos empregos da atividade Serviços, sente-se também em atividades consideradas menos nobres, por exemplo, a atividade doméstica. Uma mulher ao ser despedida de uma empresa, muito provavelmente, levará ao desemprego de outra mulher. A primeira encarregar-se-á das tarefas domésticas e a segunda ficará sem trabalho. Ambos os lares serão afetados.

E como fica a participação cívica no feminino, em tempos de crise?

Apesar de os tempos serem outros em termos de mentalidade, continua ainda muito enraizado que cabe à mulher a educação dos filhos, as tarefas domésticas, o cuidado dos mais velhos. Além disso, em época de crise, onde ao orçamento só se fazem contas de diminuir, facilmente concluímos que a participação cívica também diminui.

Por Rosa Sousa, da Comissão de Mulheres da UGT